

Sanidade? Insanidade?

O medo de enlouquecer, conforme Augusto Cury, sempre perturbou o ser humano. Fato de perder o juízo, não discernir a realidade, desorganizar o pensamento, romper com a consciência de si mesmo e do mundo, angustiando milhões de pessoas de todas as épocas e todas as sociedades.

Segundo o autor, muitos creem equivocadamente que enlouquecerão porque se afligem com ideias absurdas, sofrem por pensamentos fixos, afligindo-se por imagens mentais que nunca quiseram produzir, e, por terem coerência em seu raciocínio e saberem distinguir a imaginação da realidade não desenvolvem confusão mental.

A loucura é um nome popular, do senso comum, que carrega discriminação e falsos medos. O nome científico para a psiquiatria e psicologia é psicose. A psicose pode aparecer com vários graus de intensidade e, conseqüentemente, com múltiplos níveis de superação.

Diante dessa conceituação, o autor nos questiona: “Qual a sua definição de loucura? Quem pode defini-la?” Sequentemente responde: “Classicamente loucura é toda desagregação duradoura da personalidade que foge aos parâmetros da realidade. Mas quais são esses parâmetros? Categorizam-se psicóticas as pessoas que se sentem perseguidas por personagens criados em seu imaginário”.

Assim, nos direciona há perscrutar ainda mais o assunto. Já parou para raciocinar que os geniosos, grandes cientistas, criadores de teorias magníficas estiveram próximos na maneira de pensar daqueles tachados de louco/ psicóticos, e que sofrem retaliações pela sociedade? E aquelas pessoas que perseguem personagens reais, na vida real, aquelas que torturam e/ou agridem outras pessoas? Na mídia veem-se soldados cometendo atrocidades, políticos corruptos, policiais que abusam do poder ou matam, e estes o que são?

Neste embate o escritor/psiquiatra/psicólogo nos desafia há revisar essa conceituação que tramita o senso-comum. Ou seja, os seres humanos que sofrem de psicose apresentam sintomatologias; deliram, falam com seu mundo interior, externam

os pensamentos e seus personagens que lhes perseguem, pela fala e comportamentos, não escondem seu borbulho psíquico. “Mas e aquelas pessoas que se sentem deuses do dinheiro e poder social que possuem que não se importam com a dor dos outros, são o quê?”

A sociedade caracteriza de duas formas a loucura: a racional, que é ‘aceita’ pela sociedade (essa é a que mais se vê por aí, como por exemplo, os corruptos). E uma loucura irracional, muitas vezes condenada pela ignorância, os transtornos mentais. Contudo, Cury refere que as pessoas aparentemente saudáveis sempre cometem mais loucuras contra a humanidade do que os loucos propriamente ditos, ou seja, antissociais/sociopatas/psicopatas jamais demonstram suas perversões ou confirmam suas atrocidades. Realmente, as palavras de Cury se comprovam, é o que mostram os noticiários diariamente.

Os seres humanos de baixa índole e falta de caráter causam o tormento e destruição, não demonstram a loucura fria que habita o seu ser, são isentos de qualquer culpa, são teatrais e falsificam uma boa imagem e sentimentos para com os outros, agindo com suas perversões por debaixo dos panos.

A sociedade está se tornando um cenário de tédio, sem poesia e sensibilidade. Nos casos de psicose existe tratamento psiquiátrico e psicológico, em contrapartida ao caos visto e vivido na sociedade, as personalidades perversas dessas pessoas, existem tratamento? Sabemos que não! A psicologia e a psiquiatria ainda não acham nenhum tratamento para tais perfis.

Cury argumenta “a sabedoria de um ser humano não está no quanto ele sabe, mas quanto ele tem consciência de que não sabe. Você tem essa consciência? O que define a nobreza de um ser humano é a sua capacidade de enxergar sua pequenez. Você enxerga? No mundo há mistérios, no corpo há enigmas, mas no espírito e na mente humana se escondem os maiores segredos do universo. Não estou perguntando o que você faz, mas quem você é. O que está na sua essência, por trás da sua maquiagem social? Um ser humano que não admite seu lado obscuro não se torna completo, podendo projetar esse lado sombrio em outras pessoas”. Isso é fato! É o que se vê nos casos mais repugnantes nas sociedades, do mundo inteiro.

E agora, sabes distinguir loucura irracional da loucura racional? A primeira refere-se a seres humanos que sofrem de psicoses, banalizadas, apontadas e discriminadas pelo preconceito. A segunda são os perversos, na maioria das vezes, bem vistos pela sociedade que não medem esforços para ‘se darem bem’, mentindo, ‘comendo’ pelas beiradas, mascarando suas atrocidades num figurino de bom cidadão.

Preocupemo-nos com o desconhecido, ou seja, aqueles que estão ao nosso lado, aqueles com egos inflados, pregadores do bem, manipuladores, aqueles que ateam fogo nos moradores de rua, aqueles que abusam de crianças inocentes, aqueles que não falam os seus pensamentos mirabolantes, aqueles que jamais admitem suas perversidades mesmo com fatos concretos, aqueles que ameaçam os que sabem de suas autorias perniciosas para se isentarem dos rechaços sociais e a sua punição, aqueles que utilizam da persuasão para quem podem induzir, enfim, tudo com uma finalidade, satisfazer suas loucuras encobertas. Sanidade ou Insanidade?

O texto compõe fundamentações próprias do autor Augusto Cury, e contribuições críticas da psicóloga Cintia Quissini, CRP 07/21700. Referencia: O futuro da Humanidade, de Augusto Cury (2005), médico psiquiatra, psicólogo e escritor.